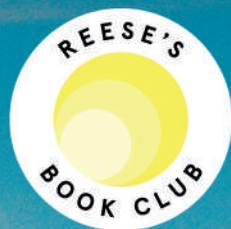


BESTSELLER DO NEW YORK TIMES



# O CLUBE

ELLERY LLOYD

TOP  
SEL  
LER

«Inteligente, ousado e cheio de estilo;  
vai direto à jugular.»

*People*

*Já o Land Rover ia a meio do caminho, quando se tornou óbvio que nunca conseguiriam chegar ao outro lado. Não com a rapidez com que a maré estava a subir. Não com a distância que ainda faltava percorrer. Nesse momento, o que fazer? À exceção de um cruzamento, e mesmo nos sítios onde é mais largo, o caminho que liga a ilha ao continente só tem a largura de veículo e meio. Mesmo no ponto mais elevado, e com a maré no nível mais baixo, fica apenas a pouco menos de um metro acima dos lodaçais circundantes. Não há sequer um sítio onde se possa fazer inversão de marcha. É impossível voltar para a ilha em marcha-atrás a meio da noite, bêbedos que nem um cacho, e num carro emprestado com o qual não estamos familiarizados.*

*Lá atrás, na ilha, a festa continua a bombar, o fogo de artifício estala, silva pelo ar. A cerca de quilómetro e meio, consegue-se vislumbrar a aldeia recortada no horizonte — o brilho alaranjado da doca, uma ou duas luzes ainda acesas nas janelas do primeiro andar. Que decisão tomar? O primeiro instinto é seguir em frente, prego a fundo. Correr o risco de acelerar neste caminho desconhecido, sinuoso e escuro como breu, no qual os faróis iluminam apenas uma extensão de curvas imprevisíveis já a serem tapadas por ondas escuras, estreitando mais e mais o caminho, fazendo-o desaparecer. Podíamos buzinar, fazer sinais de luzes que nem doidos, mas*

*mesmo que se conseguisse chamar a atenção de alguém, mesmo que alguém no continente nos visse ou ouvisse e chamasse a guarda costeira, o que poderiam eles fazer perante a rapidez com que as coisas estão a acontecer, perante as distâncias em causa?*

*É então que o terror ganha forma, não só devido ao que está a acontecer, mas também pela facilidade com que, por mais entorpecidos, confusos e incapazes de nos concentrar que estejamos, conseguimos imaginar o que vai acontecer: a arrepiante tomada de consciência de que, dentro de minutos, a água chegará aos eixos do carro, aos faróis; de que, em determinado momento, e provavelmente mais cedo do que pensamos, o motor ficará alagado, e o carro, parado.*

*E durante todo este tempo, o passageiro do Land Rover grita connosco no lugar do pendura, diz-nos que a culpa é nossa, exige que façamos alguma coisa, esbraceja, entra em pânico.*

*É então que nos ocorre que deveríamos telefonar a alguém, a quem quer que seja, mas é claro que o nosso telemóvel ficou na ilha, e mesmo que não tivesse ficado, o mais provável é que aqui não haja rede.*

*E pomo-nos a pensar, a tentar perceber quanto tempo sobreviveríamos ali, na água fria, no escuro, caso tentássemos escapar da situação a nado, dada a época do ano em que estamos, a força das correntes e a distância a que estamos da costa.*

*Então, a certa altura, percebemos que, seja qual for a nossa opção, o resultado é inevitavelmente sempre o mesmo.*

*E sabemos que a imprensa vai adorar cada segundo desta história.*

*E talvez nesse instante — mas só talvez, e só por um instante —, percebemos que isto é, nem mais nem menos, o fim que merecemos.*

# Vanity Fair

## HOMICÍDIO NA ILHA

*Era o clube pelo qual qualquer pessoa seria capaz de matar para dele fazer parte; a inauguração que deixava a nata da sociedade em ânsias para ser convidada. O que ninguém seria capaz de adivinhar era o trágico fim que esperava tudo isso. Numa investigação exclusiva, Ian Shields examina o caso que deixou o mundo em choque.*

A festa na ilha durava há dias. Durante toda a manhã e tarde de sexta-feira, os helicópteros chegaram, partiram e sobrevoaram a ilha. As lanças cruzaram as águas cintilantes para trás e para a frente. Um fluxo constante de SUV de vidros fumados abriu caminho pelas verdejantes estradas de Essex, passando por terrenos baldios e tristonhas árvores negras, atravessando as ruas estreitas da aldeia de Littlesea. Por volta do meio-dia, alguém viu passar uma comitiva composta por três *Tesla Model S*.

O casamento de alguém famoso, poder-se-ia pensar. O quinquagésimo aniversário de algum milionário.

Durante toda a tarde e final de dia de sábado, por vezes mais alto, por vezes mais baixo, vibrava sobre a água a batida grave e repetitiva da música. Durante o fim de semana, aqui e ali, ao final da manhã e durante a tarde, quem tivesse boa visão ou um par de binóculos conseguiria distinguir, desde o continente, grandes toalhas listradas azuis e brancas estendidas no areal. Uma cabeça à tona de água; um cavalo a trotar pela areia e, em cima da sela, o seu cavaleiro, balouçando ao ritmo da corrida.

De noite, era possível distinguir, de vez em quando, o tremeluzir de archotes entre as árvores, assim como a fachada do The Manor, iluminada de amarelo, verde ou azul. Por vezes, se o vento soprasse na direção certa, era até possível imaginar que se ouvia a multidão: os aplausos, a algazarra, os risos. Os gritos.

Além de celebrar a grande inauguração do Island Home, a faustosa festa assinalava também os 30 anos desde que Ned Groom, o CEO — e um dos grandes visionários da indústria hoteleira —, herdara do avô o The Home Club, em Covent Garden, e corajosamente metera mãos à obra para transformar aquilo que outrora fora apenas um poeirento e pouco procurado antro de atores, artistas e outros profissionais das artes performativas, no Home — a discoteca mais exclusiva e badalada da década de 90 em Londres, saindo da qual as superestrelas iam logo parar às primeiras páginas dos tabloides do dia seguinte. Kate Moss celebrou lá o seu aniversário, vários anos seguidos. Kiefer Sutherland e o seu séquito viram negada a sua entrada, certa noite. Todo o terraço foi ocupado pelo elenco da série *Friends*, para a última ação de promoção junto da imprensa inglesa.

Haviam passado agora quase 25 anos desde que Ned e o seu irmão e braço-direito, Adam Groom, tinham cruzado o Atlântico para inaugurar o seu segundo projeto, o já icónico Manhattan Home.

Nos anos e décadas seguintes, o Home Group tornou-se uma verdadeira marca global, com um acervo de 11 clubes privados com acesso a suites de hotel anexadas, oferecendo qualquer um deles — por uma quota anual considerável — a mesma conjugação de comodidade e luxo, sofisticação sóbria e privacidade absoluta para os poucos escolhidos. Existiam o Santa Monica Home, o Highland Home, o Country Home, o Cannes Home, o Hamptons Home, o Venice Home, o Shanghai Home. Havia Homes em Malibu, Paris, no norte de Nova Iorque. Todos eles em localizações espantosas: uma antiga embaixada (Xangai), um majestoso *palazzo* (Veneza), uma catedral secularizada (Cannes), um palacete restaurado (o Country Home, em Northamptonshire, ou o Highland Home, em Perthshire).

Não obstante, Ned Groom nunca tinha tentado nada à escala do Island Home. Uma ilha inteira, com mais de três quilómetros de

largura e quatro de comprimento, a hora e meia de carro de Londres, na qual existia uma mansão *neopalladiana*, vastas extensões de terrenos e quilómetros de praias, 97 cabanas individuais, 5 restaurantes, 3 bares, vários ginásios, *courts* de ténis, salão de *spinning*, *spa*, sauna, heliporto, salas de cinema, estábulos e piscina natural exterior, aquecida. Uma gigantesca propriedade privada, acessível apenas durante a maré baixa, sendo para isso necessário percorrer um sinuoso trajeto de dois quilómetros e meio. Apesar do preço de 5 mil libras esterlinas por noite, e antes mesmo de qualquer membro ter posto sequer lá os pés, o Island Home já tinha reservas para um ano inteiro.

Considerando a dimensão da propriedade e a ambição de Ned Groom e da sua equipa, e colocando de parte o lendário perfeccionismo do primeiro, talvez fosse expectável que nem tudo estivesse concluído dentro dos prazos. A inauguração, prevista para o início da primavera, foi adiada para o fim da mesma, depois para o verão, e depois para o outono.

Durante meses, o Home contratou pessoal — cozinheiros, rececionistas, empregados de manutenção, empregados de mesa, camareiras, uma equipa de eventos formada por 30 pessoas e uma equipa de segurança de 80 efetivos — e preparou cada um dos elementos para as particularidades e peculiaridades do trabalho num dos conventículos mais exclusivos e reservados do mundo, dentro do qual estariam em contacto com algumas das pessoas mais notáveis e ricas do planeta.

Durante semanas, os colaboradores mantiveram-se a postos, inspecionando, ultrapassando obstáculos e imprevistos, e inspecionando novamente: assegurando que as cabanas espalhadas pela ilha — todas elas construídas com madeira antiga, retirada de centenas de celeiros, cabanas e abrigos históricos que a equipa de design, após anos de procura, conseguira adquirir em locais tão remotos como a Bulgária, a Eslováquia e a Estónia — estavam preparadas para receber os primeiros hóspedes; garantindo que os fogões a lenha tinham a ventilação adequada e não iriam asfixiar ninguém durante o sono; que todas as luzes acendiam, que todos os autoclismos descarregavam, que todas as torneiras tinham a pressão correta, capazes de encher cada uma

das requintadas banheiras de ferro fundido em menos de três minutos; confirmando que os caminhos de gravilha estavam limpos e transitáveis, a pé ou de bicicleta, de trotineta elétrica ou em carrinhos de golfe, conduzidos por um motorista; que quaisquer desníveis abruptos, águas profundas e outros perigos naturais estavam devidamente sinalizados; que, quando chegassem os primeiros membros, toda a tinta estava seca, todos os materiais de madeira, lixados e sem farpas, todos os cabos elétricos, escondidos, e que não haveria o mínimo risco de eletrocussão ou empalamento acidentais.

Em retrospectiva, todavia, talvez todas as tragédias adquiram um cunho de inevitabilidade.

«Queríamos que o momento final da inauguração, o *brunch* de domingo, fosse a grande surpresa do fim de semana», refere Josh MacDonald, um dos seis arquitetos principais que, sucessivamente, trabalharam no projeto Island Home ao longo dos oito anos da sua gestação. «O Ned tinha entrado numa dispendiosa competição contra si mesmo — cada novo clube Home tinha de superar o anterior, sendo obrigatório que possuísse pelo menos uma característica extraordinária que o tornasse único: a piscina no *rooftop*, com o fundo em *perspex*, em Xangai; o bar do Highland Home, um cubo de vidro no interior da capela em ruínas; e, desta vez, o restaurante subaquático, o Poseidon.»

Segundo MacDonald, Ned inspirara-se num restaurante onde jantara, nas Maldivas: «Há um bar e uma entrada ao nível da praia com vista até ao continente. Quando chega a hora da refeição, as pessoas atravessam uma ponte de betão, passam por um túnel e descem alguns degraus, dando por si a emergir num enorme salão a fazer lembrar um aquário gigante. A meio do salão, estão situados a cozinha e o bar, rodeados de mesas e cadeiras, e pelas janelas só se vê o mar», explica MacDonald. «É possível ver cardumes de cavalas. Nuvens de alforrecas azuis. Os cascos dos barcos. A luz do sol refletida nas ondas, por cima das nossas cabeças. O Ned queria que isso fosse a última coisa que os hóspedes viam antes de se irem embora, para, assim, assegurar uma experiência realmente marcante no Island Home, algo de que todos fariam durante semanas.»

E conseguiu-o, não há dúvida.

Segundo os presentes, a pergunta da maioria dos membros, enquanto lutavam contra as suas ressacas na fila indiana para o pequeno-almoço, era: onde está Ned? Geralmente, numa inauguração como esta, Ned era omnipresente, contando anedotas, assegurando-se de que todos estavam a divertir-se. Com um metro e noventa e três, este corpulento advogado, ex-jogador de *rugby*, tinha uma voz tonitruante e um riso roufenho que se conseguia ouvir em qualquer parte. Agora, notando a sua ausência, os hóspedes tentavam perceber quando teria sido a última vez que tinham falado com ele. Deliciando-se com as suas omeletas de claras, sumos naturais e leite com açafão-da-índia, especulavam sobre o paradeiro de Ned e partilhavam os últimos mexericos acerca das duas noites anteriores, procurando caras conhecidas na sala; só ao fim de algum tempo é que repararam que havia algo estranho na água, do outro lado das janelas curvas de vidro laminado.

Foi o sol, que rompia as nuvens pela primeira vez naquela sombria manhã de outono, que o permitiu, lançando um feixe de luz sobre a obscuridade do fundo do mar e iluminando aquilo que, de início, parecera apenas um conjunto indistinto de rochas.

«Foi nesse momento que as pessoas começaram a levantar-se e a ir até à janela, apontando», relembra uma hóspede e membro do Home, que pediu para manter o anonimato. «Estavam a rir-se e a dizer piadas. Achámos que era só uma manobra publicitária da Land Rover. Aquilo que impressionava era o carro estar capotado e a cerca de sete metros debaixo de água, encaixado num rochedo. Que maneira de nos chamar a atenção! Toda a gente se perguntava como o teriam lá posto e há quanto tempo estaria assim.» Depois, diz ela, começaram a perceber o que estava dentro do carro. Depois, diz ela, alguém começou a chorar.

Quase de imediato, foi anunciado que tinha sido encontrado um cadáver na ilha.

E, nesse momento, a festa do ano transformou-se no mistério da década.



# Capítulo Um

## Tarde de Quinta-Feira

*Jess*

**E**la tinha conseguido.

Era nisso que Jess não parava de pensar.

Chefe das camareiras do Island Home. Chamava-se Jess Wilson e era a nova chefe das camareiras do Island Home.

Nem queria acreditar.

A semana anterior fora quase como um sonho. Primeiro, o telefonema da sede do Home a convocá-la para uma entrevista, depois de tantos anos a candidatar-se. Todos aqueles anos de esperança. Todos aqueles anos a dizerem-lhe que tinham o seu currículo em arquivo.

Depois, a entrevista propriamente dita, em Londres, com Adam Groom, Diretor de Projetos Especiais do Home Group, a segunda pessoa mais importante de toda a empresa. O pânico repentino em relação ao que vestir, ao que dizer.

Não era segredo nenhum o quanto ela o desejara. Durante quanto tempo o tinha desejado. Tendo crescido onde crescera, em Northamptonshire, ao fundo da rua onde se encontrava o Country Home, lembrava-se de passar de carro, com os pais, pelo seu comprido muro de pedra e de, por entre as árvores, ver de relance as águas resplandcentes do lago privado. Lembrava-se de espreitar pelos portões para o comprido caminho de acesso em linha reta até ao palacete isabelino, sentindo um pequeno

arrepio sempre que tentava imaginar o seu interior. Lembrava-se de ouvir um helicóptero a passar e de imaginar quem iria lá dentro. Lembrava-se de, em adolescente, ler sobre o Home nas revistas e de imaginar como seria lá trabalhar, como seria fazer parte de uma coisa daquelas.

Ainda havia algo dentro de si que lhe dizia que, no último momento, tudo aquilo acabaria por não ser mais do que um engano terrível. Que iria chegar ao Island Home e ser informada de que tinham investigado as suas referências e chegado à conclusão de que ela era uma fraude. Que, assim que abrisse a boca, toda a gente perceberia — apesar do novo corte de cabelo e das novas roupas — que ela não era suficientemente sofisticada para trabalhar num lugar daqueles. Que nunca se iria integrar. Que, afinal de contas, não era aquilo que procuravam.

Fora essa a impressão com que saíra da entrevista.

Tinha sido no Covent Garden Home — Jess, ora inclinando-se para a frente, ora encostando-se para trás, num cadeirão um pouco baixo demais para a mesa, ciente de que o botão da blusa nova, em esforço, corria o sério risco de se abrir, tentando assumir uma posição que fosse simultaneamente descontraída e entusiasmada, sem saber onde pousar os cotovelos. Todos os conselhos que os amigos lhe tinham dado e todas as conversas de encorajamento que tivera consigo mesma durante o caminho pareceram-lhe subitamente irrelevantes e absurdas ao dar de caras com Adam Groom, inequivocamente ressacado, a tomar um pequeno-almoço inglês completo.

Por entre goles tremidos de um *Bloody Mary*, passava os olhos pelo seu currículo, sem dúvida pela primeira vez, dizendo-lhe coisas fortuitas sobre si mesmo sempre que levantava os olhos do papel, e dirigindo-se ao peito dela ao longo da conversa. A única alusão à distância que ela percorrera desde Northamptonshire para se encontrar com ele em pessoa acontecera quando Adam fez notar que o hotel onde ela trabalhava

na altura — o The Grange — se localizava ao fundo da rua do Country Home.

— Eu sei — dissera ela, com um sorriso. — Na verdade, candidatei-me por várias vezes a vagas que abriram lá... — Oito, para ser precisa. Ela teria dito mais sobre o porquê, talvez até dissesse algo sobre a admiração que sentia por tudo o que Adam e o irmão tinham feito com o Home, que trabalhar na inauguração de um dos seus clubes seria uma oportunidade única, mas, a meio da diatribe, Adam chamara a empregada (jovem, esbelta, bonita) para lhe pedir mais *ketchup*, e Jess perdera o fio à meada.

No comboio, durante o caminho de regresso a casa — uma longa e dispendiosa viagem de comboio sem reembolso —, repreendera-se por todas as coisas estúpidas que tinha dito, por todas as oportunidades de autopromoção perdidas, por tudo o que diria a Adam se estivesse novamente a ser entrevistada por ele. Por tudo o que não tinha dito. Ciente de que aquela fora a sua grande oportunidade e que a tinha desperdiçado.

Nessa noite, contudo, recebera um telefonema a perguntar se tinha disponibilidade para começar imediatamente.

— É claro — respondera, sem sequer ter tempo para pensar antes de desligar o telefone. Fora tudo tão repentino... Seria uma notícia inesperada para os seus atuais patrões, colegas, amigos. Só mais tarde lhe ocorreu que nunca chegara a perguntar qual tinha sido o motivo da partida tão súbita da sua antecessora — que tipo de planos, se é que existia algum, fora feito para a passagem de testemunho.

Era difícil acreditar que tudo isto tinha acontecido há apenas uma semana. Os últimos dias tinham sido frenéticos. Agitadas idas às compras, o corte de cabelo de última hora em relação ao qual ela não estava muito segura (um corte redondo pelos ombros que a cabeleireira garantira ser fácil de manter, mas que, na verdade, era impossível de pentear sozinha de maneira a que não parecesse ter um ninho na cabeça), e um

momento de pânico na noite anterior, já tarde, ao parecer-lhe que não iria conseguir fechar a mala. Dois dias de formação na sede do Home em Londres. O tipo de noite inquieta que se tem sempre na véspera de um dia importante, acordando antes do despertador.

E agora, aqui estava ela, depois de esperar no continente que o caminho ficasse transitável, a atravessá-lo num *Land Rover Defender* elétrico com motorista, na companhia de dois outros recém-chegados, ambos de Littlesea, os três intimidados, os três a fazerem um esforço enorme para não o demonstrarem. Jamais esqueceria o primeiro vislumbre do caminho a assomar debaixo de água, surpreendentemente sinuoso, assustadoramente estreito: o modo como as rochas apareceram num primeiro momento de ambos os lados do caminho e, minutos depois, a superfície da estrada propriamente dita, a reluzir sob a luz do início de tarde; molhos de algas ainda entrançadas, fazendo lembrar rabiscos numa folha de papel; a ilha como um colosso, recortada no horizonte.

Seria de espantar se não estivesse um pouco nervosa. Tudo isto era completamente diferente do The Grange, o hotel onde trabalhara durante tanto tempo, dos seus hectares de tapetes de tartã, da sala de jantar formal, dos empregados de mesa de laço ao pescoço, do bar com as gravuras de golfe, dos produtos de higiene pessoal em miniatura, *lily-of-the-valley*, do cheiro persistente a desinfetante nos corredores. Iria ser muito estranho mudar-se de um sítio tão familiar, onde conhecia toda a gente e toda a gente a conhecia, para um sítio completamente novo, completamente desconhecido.

Estava uma tarde de outono soalheira, com um céu azul sem nuvens, entrecortado pelos rastos de vapor deixados pelos aviões.

À medida que a ilha e os seus bosques se tornavam cada vez maiores, assomando à sua frente, tornando-se mais larga e mais sombria, Jess tentou distinguir todas as diferentes construções

que lhe tinham sido descritas na formação. The Manor, ou pelo menos uma das suas torres, foi a primeira a ser avistada, espreitando através do topo das copas dos pinheiros. Depois, conforme se aproximaram, o seu destino: The Boathouse, um edifício de um andar feito de madeira desgastada, a 100 metros do fim do caminho, com um enorme parque de estacionamento adjacente cheio de SUV pretos e cintilantes, junto de uma zona de receção com fachada de vidro, onde os membros levantavam as chaves das suas cabanas, depositavam os telemóveis para o resto da estadia, e bebiam champanhe defronte de uma lareira abrasadora, enquanto esperavam pelo carrinho de golfe que traria o carregador das malas. Ao lado do edifício, ao fundo de um areal ladeado por pinheiros, surgia um edifício térreo de betão e cedro que entrava pela água — este edifício, conjecturou Jesse, seria o restaurante subaquático, o Poseidon. Depois dessa construção, conseguiu lobrigar um caminho íngreme que desaparecia numa colina alcantilada no meio dos bosques.

Ela não crescera com esta paisagem, mas conseguia perceber a sua beleza, mesmo — ou até especialmente — nesta época do ano. Os troncos descorados e esguios das bétulas prateadas. O brilho intenso das faias. Os lampejos de amarelo do tojo e das giestas. As praias de seixos escuros. As extensões de areia branca. Matagais de espinheiro marítimo. Orlas de fetos ganhando um tom castanho. A luminosidade outonal a cintilar nas ondas.

Na sua maioria, e por razões óbvias, as cabanas e os respetivos terraços estavam dispostos de maneira a não serem fáceis de avistar da água. O *spa* e os *courts* de ténis ficavam na ponta mais afastada da ilha, perto do velho reservatório de água — um edifício de interesse histórico tornado agora num restaurante italiano giratório — das instalações de vela e outros desportos aquáticos, e do alojamento do pessoal (que também não era visível da água e onde cerca de metade dos funcionários da ilha — incluindo Jess — ficariam instalados, sendo que

a outra metade chegava todas as manhãs do continente). Era engraçado pensar como agora tudo isto lhe parecia estranho e como tudo lhe seria familiar dentro de apenas alguns dias. A sua casa era o Home.

Teria também de se adaptar às pessoas. Como Annie Spark, diretora de associados, uma visão deslumbrante de cabelos ruivos que lhe davam pela cintura, fazendo lembrar Jessica Rabbit, envergando um macacão rosa-choque, sapatilhas de cano subido e umas enormes argolas douradas, que a recebera no The Causeway Inn — um *pub* do século XVII situado ao lado do cais, com vista para o ponto exato onde o caminho chegava ao continente, comprado pelo Home Group (explicara Annie) para ser um sítio onde os membros se podiam sentar a desfrutar de um leque de 15 cervejas e cidras locais ou petiscar qualquer coisa enquanto esperavam que a maré baixasse e a travessia para a ilha se tornasse possível.

Num dos bares do piso de baixo — um salão com vista para o mar, cadeirões *vintage* baixos e desemparelhados, e dois toros a arder na lareira —, Annie fizera-lhes uma resenha dos planos para o fim de semana.

Naquela noite, quinta-feira, haveria um jantar intimista para cinco hóspedes seletos no The Manor, e o anfitrião seria Ned Groom. Annie revelara a identidade dos cinco membros convidados. Jess sentira o coração começar a bater mais depressa. À sua volta, os colegas novatos faziam um esforço para se manterem impassíveis. Já lhes fora dito na entrevista, assim como num aparte austero de Annie, que ninguém se aguentaria muito no Home se fosse uma pessoa que se deixasse fascinar com facilidade pelos famosos.

Também lhe fora deixado bem claro, ao aceitar o emprego, que era um privilégio um membro superior da equipa estar autorizado a ter um telemóvel durante o horário de trabalho. De facto, ao chegar à sede, tinham-lhe dado um *iPhone* por estrear e instruções para que o tivesse sempre com ela,

carregado e ligado, para o caso de ser necessário. Também lhe tinham dito, com firmeza, que nunca deveria pegar nele na presença dos hóspedes — tal como todos os funcionários recém-chegados tinham recebido instruções para denunciarem qualquer membro que não entregasse o seu telemóvel à chegada.

— Este é um dos poucos sítios do mundo — lembrara-lhes Annie — onde a maioria destas pessoas pode ter uma refeição, beber um copo ou simplesmente estar sentada sem fazer nada, com a certeza absoluta de que ninguém lhe irá tirar uma fotografia. Tentem imaginar a sensação. Tentem imaginar a quantia que estariam dispostos a pagar por isso. É por este motivo que qualquer membro que seja visto com um telemóvel na mão (porque, acreditem ou não, eles não são imunes à vontade de o fazer) é imediatamente expulso da ilha, e o seu cartão de sócio, cancelado. E é por isso também que nenhum dos nossos empregados de mesa, funcionários de bar ou camareiros está autorizado a ter telemóvel.

Ela era capaz, disse a si mesma. Trabalhava na indústria hoteleira desde que concluíra os estudos — antes até, se contasse com aquele primeiro emprego a fazer as camas num B&B local ao fim de semana. Passara uma década no The Grange, fazendo um percurso perseverante até chegar a chefe das camareiras. Sempre se dera bem com a sua equipa, sempre se orgulhara do seu trabalho. Ela era capaz. As pessoas eram todas iguais. Os hóspedes eram todos iguais.

Os restantes convidados — Annie revelara mais nomes, alguns conhecidos, outros, era óbvio, Annie assumia que fossem — chegariam em vagas minuciosamente coordenadas da manhã de sexta-feira em diante, havendo uma agenda repleta de atividades para os manter ocupados até à tarde de domingo: viagens de barco, passeios a cavalo, *brunches*, almoços, jantares, experiências cinematográficas. Todas as cabanas estariam ocupadas, todos os hóspedes eram dos membros mais prezados

do Home. Nada — Annie falara num tom delicadamente enfático, de expressão encorajadora — seria um incómodo.

Enquanto falou, o telemóvel de Annie não parou de tocar. De vez em quando, olhava para o ecrã e sorria ou franzia o cenho. Assim que a apresentação terminou, encostou-o ao ouvido e começou a falar num tom elevado e animado, mesmo antes de sair da sala.

Jess invejava a confiança de Annie, o seu ar fleumático, o seu estilo arrojado. Todo aquele cabelo escarlate, apanhado numa trança por cima de um ombro, a sombra nos olhos, emoldurados pela franja. Aquelas enormes unhas carmesins. Talvez fosse mais fácil ser confiante quando se era tudo aquilo que Annie era — mais de um metro e oitenta, à vontade. Jess desejava ter-se apresentado de forma um pouco mais convincente, ou de ter tido coragem para levantar a mão durante a palestra de Annie e feito apenas uma das centenas de perguntas que queria fazer sobre a ilha, sobre o fim de semana, sobre o emprego.

La precisar de toda a confiança e arrojo para enfrentar os próximos dias.

— Estamos quase a chegar — informou por cima do ombro o motorista, de polo azul justo e óculos espelhados. Buzinou uma vez ao aproximarem-se do fim do caminho. Alguém assomou à porta do Boathouse com um bloco de notas na mão e acenou.

Chegara o momento.

Jess gostaria que os pais a pudessem ver agora. Todas aquelas raparigas da escola.

Não havia dúvida de que era uma oportunidade única.

Agora, só tinha de cumprir o plano.



## Annie

**E**ste emprego podia ser brutal.  
— Meu querido, meu anjo, *meu amor*. Sabes que, se houvesse espaço, punha-te aqui num abrir e fechar de olhos! Não, não, não chores...

Há meses que Annie Spark tanto andava a ter conversas como esta, como a tentar evitá-las. Durante a última semana, o seu telemóvel não parara, literalmente, de tocar — desde que se levantava, de manhã, até se enfiar na cama, à noite. As mensagens de texto. As mensagens no Instagram. As mensagens de voz. As mensagens de texto para saber se tinha recebido as mensagens no Instagram ou se já tinha tido oportunidade de ouvir a mensagem de voz. Os e-mails a saber se ainda tinham o número de telemóvel certo.

Da última vez que contara, havia 5750 membros do Home em todo o mundo. Numa inauguração, só podiam estar presentes 150, mais coisa, menos coisa. O convite para a festa de inauguração da Noite das Bruxas do Island Home fora enviado a 14 de agosto por via postal para os poucos escolhidos. Antes disso, e durante semanas, Annie estivera a acrescentar nomes, repensando, eliminando, dando os últimos retoques. Assim que os cobichados cartões de rebordos dourados foram enviados, aconchegados dentro de roupões de banho com monogramas

personalizados e pijamas de seda, preparou-se para o massacre. Annie ocupava um lugar estranho na mente dos membros — um misto de faz-tudo, melhor amiga contratada e assistente pessoal sobrecarregada. Uma pessoa com quem era possível ficar até às 2 da manhã a beber *espresso martinis*, alguém em cujo ombro era possível chorar a meio de um divórcio complicado, mas também a pessoa a quem podiam reclamar se não conseguissem levar mais uns amigos ao Malibu Home para beber uns copos no Dia do Trabalhador. Ou com quem gritavam se as rosas no quarto estivessem murchas, ou se a mesa que lhes fora atribuída no *rooftop* do Venice Home ficasse junto a uma corrente de ar.

Quando as pessoas começaram a perceber que não constavam da lista de convidados, meteram mãos à obra: convites de jantar inesperados, solicitações insistentes para um copo rápido, perguntas sobre quando seria oportuno ligar para saber como estão as coisas. Começou a receber dez e-mails por dia de assistentes pessoais — ou membros do fundo da lista a fazerem-se passar por assistentes pessoais, visto que, sabia ela, não tinham capacidade para pagar esse serviço —, só para confirmar se não tinha havido algum erro administrativo, algum tipo de esquecimento.

Ela compadecia-se dessas pessoas. Não conseguiria fazer o seu trabalho se não se compadecesse. Por outro lado, também não conseguiria fazer o seu trabalho se se deixasse levar pela compaixão. A sua lealdade era para com Ned, e sabia que ele confiava implicitamente nela para tomar decisões nos melhores interesses do Home. Veja-se, por exemplo, o caso da atriz com quem Annie estava agora ao telefone, caminhando de cá para lá pelo empedrado do cais, à porta do The Causeway Inn, aconchegando-se no comprido casaco acolchoado verde-esmeralda para se proteger do ar frio de outubro e fumando um cigarro atrás do outro.

Quem estava do outro lado da linha? Ava Huxley. Atriz britânica, cabelos castanho-avermelhados, surpreendentemente magra, pequenina, chiquérrima. Outrora uma atriz promissora,

participara num drama histórico muito apreciado que passava aos domingos à noite na BBC, seguido de dois *thrillers* britânicos sem grande sucesso de bilheteira, havendo representado, depois, o papel de *serial killer* numa série da HBO, na qual assassinara, entre outras coisas, um sotaque americano. Se Ava se tivesse candidatado agora, provavelmente nem sequer teria sido aceite como membro do Home — se bem que qualquer candidato a membro nunca era realmente rejeitado. Aqueles que não se apuravam eram incluídos numa lista de espera permanente, passando para uma fila que nunca avançava, ficando assim presos no purgatório das celebridades (como Annie costumava pensar). E porquê? Porque se este emprego ensinara alguma coisa a Annie, era que nunca se sabia quando uma carreira poderia ser lançada ou reavivada, e não era boa ideia ter alguém a guardar rancor — e um Óscar.

Mesmo com tudo isto em mente, Ava Huxley estava longe de ter hoje o sucesso necessário para ser convidada. E isso não era Annie a ser mazinha, era tão-só a dura realidade da situação.

Embora nunca fosse capaz de se lembrar, ainda que isso pouco ajudasse a causa de Ava, fosse como fosse, ela fora a sua última entrevistada antes de deixar o seu emprego como colunista social e se juntar ao Home. Figura de capa da revista *OK!* — Ava a cumprir de má vontade uma obrigação contratual que tinha para com uma marca de perfumes pela qual dava a cara —, a atriz chegara atrasada e agitada para a entrevista de quinze minutos, respondera a todas as perguntas com monossílabos mal-humorados e fora-se embora de rompante, zangada, resmungando qualquer coisa sobre feminismo depois de Annie, tentando encontrar um tema que lhe interessasse, lhe perguntar onde tinha ela comprado os sapatos. Annie vira-se obrigada a arquitetar um artigo de perfil de 1200 palavras com precisamente 32 palavras proferidas pela artista, 23 das quais tinham sido «não».

— Não é o teu melhor trabalho, Spark — fora o veredicto imediato da sua editora, antes de reduzir o artigo a um único parágrafo e, em seu lugar, apresentar um especial de imagens intitulado «Ava Huxley em 100 Vestidos».

Ned oferecera a Annie o cargo de diretora de associados, do Home alguns dias antes do fiasco, e não é exagero afirmar que o motivo que a tinha levado a aceitar fora Ava.

Annie sempre quisera deixar para trás a sua educação, tão banal e tão perfeitamente adequada, tão opressivamente suburbana, e ingressar no opulente mundo exclusivo dos bonitos, talentosos e famosos. Nunca se perguntara por que motivo lhe era tão apelativo estar próxima das celebridades — na verdade, a única coisa que a fazia questionar-se era perceber o motivo pelo qual alguém *não* haveria de querer estar rodeado de estrelas. Não possuindo aptidões evidentes nessa área — não sabia representar, dançar, cantar ou tocar qualquer instrumento, embora tenha dado o seu melhor —, decidira que estar perto dessas pessoas seria o suficiente. Sabia *agora* que havia uma série de empregos que o permitiam — agente, assistente, estilista, florista, massagista, vidente, *life coach*, passeadora de cães —, mas tendo sido criada à base de uma dieta de *Heat* e *Hello!*, o jornalismo fora a única maneira que lhe ocorrera de dar uso aos seus talentos. O que ninguém lhe tinha dito — e que não era, de todo, evidente para quem estava de fora — era que, embora os jornalistas *estivessem* perto das pessoas bonitas, as pessoas bonitas consideravam a imprensa uma imposição feia e irritante que, na melhor das hipóteses, teriam de suportar a contragosto.

Nos primeiros tempos, a crueldade que essas pessoas conseguiam revelar era algo que a deixava completamente desalentada. Isso e, ao invés de estar na passadeira vermelha a tratar os entrevistados pelo primeiro nome, estes trataram-na com condescendência, ignorando-a, repreendendo-a e menosprezando-a, tratando-a como se fosse um pedaço de

pastilha elástica na sola dos saltos altos, como se fosse *ela* quem os seguia e fotografava e remexia os seus caixotes do lixo e colocava escutas nos seus telefones. E todas aquelas ações de promoção a que tivera de ir em finais dos anos 90, no início da sua carreira, muitas vezes numa suite do Covent Garden Home, todas aquelas conversas horríveis, tão pouco naturais, tão desconfortáveis, sempre sob o olhar atento dos agentes e os assessores de imprensa («Oh, não faça caso de mim, vou ficar aqui no portátil, nem estou a prestar atenção... Desculpe, mas NÃO!, esse assunto está fora de questão. E esse. E esse também.»). Também fora um choque perceber como eram desinteressantes, que pessoas com vidas tão espantosas fossem tão insípidas, com tão pouco para dizer, tão poucas opiniões, histórias curiosas ou particularidades engraçadas (sabia agora, é claro, que a pessoa ao encontro da qual fora enviada tinha tanto de inventado como a pessoa sabia que via no ecrã). Quando Ned lhe telefonou com a proposta de emprego, *este emprego*, já ela estava farta de tudo aquilo — a ideia de ser ela a mandar, de ser ela a quem *eles* tinham de lamber as botas, de ser ela quem não se dava ao trabalho de manter uma conversa era, no mínimo, muitíssimo tentadora. Ava claramente não se lembrava desse episódio que mudara por completo o percurso profissional de Annie. As voltas que a vida dá, pensou Annie ao ouvir a explicação de Ava, que, soluçando, lhe dizia ter almoçado com um grupo de outras atrizes e que, durante a conversa, surgira o tema da roupa a usar na inauguração do Island Home e que, de algum modo, ela, por lapso, dava-para-acreditar?, como-é-que-é-possível?, dera a entender que também iria estar presente.

— Quero dizer, não sei onde tinha a cabeça, não estava à espera de ser convidada, como é óbvio, porque é que *alguém* me iria convidar para uma coisa dessas, talvez até ficasse envergonhada por ser convidada, com medo de que tivesses cometido um erro gravíssimo, mas — sou tão idiota —, acho que,

inadvertidamente, dei talvez a entender que iria estar presente. Por favor, por favor, *por favor*, não podes abrir uma exceção? Estou tão envergonhada.

Annie conteve um suspiro. Os americanos, pelo menos, eram sinceros. Os britânicos conseguiam ser uma verdadeira dor de cabeça. Seria esta autoflagelação teatral resultado de ter frequentado um colégio interno só para raparigas? Ou será que, para os atores e músicos britânicos, fazia parte do contrato com o público fingir que o sucesso era uma espécie de acidente confrangedor?

Ava continuava a falar.

Ao passar por uma das janelas salientes do The Causeway Inn, Annie olhou de relance para o bar, onde três elementos da sua equipa estavam sentados em sofás, debruçados sobre os seus portáteis. Bateu no vidro. Levantaram as cabeças, viram-na e sorriram. Annie entortou os olhos, fez uma careta e apontou para o telemóvel. De seguida, aclarou a voz, resoluta.

— Lamento, Ava. Não posso fazer nada. Mas deixa-me levar-te a almoçar fora na próxima semana e juro que te conto *todos* os mexericos.

Não havia necessidade de ser mais indelicada do que a situação exigia. Afinal de contas, ainda havia uma remota possibilidade de, resultado de uma sequência de acontecimentos difíceis de imaginar, Ava Huxley conseguir reanimar a sua carreira e conseguir tornar-se um daqueles membros que Annie perseguia e bajulava, o exato oposto do que se passava naquele momento. Contudo, era recomendável que Ava se apressasse, pensou Annie. Se bem se lembrava, faria 40 anos no mês seguinte.

Assim que Annie desligou, o visor do telemóvel acendeu-se com outra chamada.

Que maçada. Era o assistente pessoal de Jackson Crane. A ligar — pela terceira vez naquele dia — para pôr Annie ao corrente da situação do seu cliente, muito famoso e muito

importante, da hora a que estava previsto chegar, da hora a que ia jantar, e a reconfirmar, pela terceira vez, que Jackson e a mulher, Georgia, ficariam em cabanas separadas (sempre que iam ao Home, ficavam em quartos separados, sem questões ou comentários). Assim, tal como fizera no primeiro e segundo telefonemas, Annie afiançou ao assistente pessoal que os aposentos de Jackson e Georgia cumpririam com rigor as especificações pedidas, incluindo o número e o tipo exato de garrafas existentes na garrafeira de Jackson, e a marca exata de carvão ativado na mesa de cabeceira de Georgia.

Ela cumpriria todas estas exigências, como cumpria sempre, como o Home sempre cumpria. Porém, uma festa de inauguração de sucesso não se limitava a convidar um grupo VIP e assegurar que tinham tudo o que precisavam. A operação dependia de uma certa alquimia, tal como acontecia relativamente às pessoas que eram aceites como membros do Home. Por um lado, era bastante complicado, por outro, bastante simples.

*Nada de cabrões.*

Fora essa a única diretiva de Ned, o único critério definido com Annie quando ela aceitara o cargo, relativamente à decisão de quem deveria ou não ser aceite como membro. *Nada de cabrões.* Toda a carreira de Annie dependera da confiança de Ned na capacidade dela em compreender essa instrução. Para Ned, *cabrões* englobava uma categoria vasta e variada de pessoas. Para começar, incluía todos os banqueiros, consultores e advogados (apesar de o próprio ter uma carreira de vários anos em advocacia). Não queria ninguém a vociferar ao telemóvel que era o CEO de uma *app*, enquanto teclava aparatosamente no portátil. O mau comportamento nos clubes era aceitável, encorajado até — só não podia ser *parolo*. Não queria ver um oligarca a brandir um *American Express Platinum* enquanto mandava vir uma garrafa de *Chablis* do fundo da carta de vinhos e a pedir para deitarem lá uns cubos de gelo. Porque, apesar de isso, a curto prazo, encher as caixas registadoras, esse

tipo de espeluncas da moda, com preços exorbitantes, tinha os dias contados. A reputação a longo prazo do Home subsistia ou perecia mediante uma sofisticação inefável e espontânea — e perante a qualidade dos seus membros.

Como é óbvio, era preciso ser dono de um determinado nível de riqueza para pensar em aderir, mas embora fosse bastante mais faustoso do que a sua poeirenta personificação original, o Home não deixava de ser um lugar para artistas, sonhadores, criadores e intérpretes. Assim era a visão de Ned. Basta olhar para os cinco membros que tinha convidado para o jantar daquela noite: uma importante estrela de Hollywood e a sua mulher, uma atriz de grande sucesso; um dos mais reconhecidos (e caros) artistas britânicos; o apresentador de um *talk show* com transmissão do outro lado do oceano; e um jovem produtor cinematográfico da moda, filho de um dos realizadores mais famosos de sempre. Que se lixem Gandhi, Jesus e Oscar Wilde — *estes* eram os convidados de sonho de qualquer jantar. E ela, Annie, fora responsável por organizar tudo. Podia sentar-se com eles e fazer conversa de circunstância. Em vez de monossílabos pré-combinados, despejados em ações de promoção por celebrações que dariam tudo para estar *noutro* sítio, ela tinha a oportunidade de ouvir o que Jackson Crane pensava sobre trabalhar com Christopher Nolan. Ouvir em primeira mão como fora a participação de Georgia na passarela da Chanel Haute Couture. Saber como era difícil arrancar uma piada em direto a, por exemplo, um piloto de Fórmula 1. O que Elton exigira ter realmente no seu camarim. E todos os cinco, por muito famosos que fossem, também estariam um pouco entusiasmados. Porém, nenhum deles fazia ideia ou tinha sequer a mínima suspeita do que os esperava esta noite, do que Ned planeava.

Este emprego podia ser brutal. Annie adorava-o.



*Nikki*

**E**ra evidente que Ned Groom estava a preparar-se para um acesso de fúria desde que chegara ao pequeno-almoço. — Hoje é um dia importante! É bom que esta gente não foda isto tudo — vociferara, espetando o queixo na direção dos empregados de mesa que, de aventais de ganga engomados, andavam numa azáfama. — Percebido? — acrescentara, dirigindo-se ao que estava mais perto dele, brindando-o com um sorriso caloroso assim que o rapaz lhe respondeu com um aceno de cabeça, e dando-lhe uma palmadinha no braço para lhe mostrar que tinha a certeza de que *ele* não desiludiria ninguém.

A brincar. A brincar. A sério. A brincar. Com Ned, era assim. Era tudo a brincar até ser a sério. Era tudo a sério até ser a brincar.

A mesa deles — a mesa do costume — ficava ao lado da enorme janela panorâmica do edifício. Ned sentou-se. Por breves instantes, contemplou a paisagem, o prado de flores silvestres, a geada que era ainda visível nos sítios onde as árvores faziam sombra, a bruma a pairar nas concavidades do terreno. Ajeitou o guardanapo sobre as pernas.

— E então, Nikki, o que temos na agenda?

Enquanto bebericava chá verde, Nikki pôs o patrão ao corrente dos assuntos que tinha para tratar naquela manhã

— reuniões finais com o *chef* principal, o chefe dos *barmen*, o chefe dos jardineiros, o responsável pelo *spa*, o diretor de design e a equipa de eventos, tudo antes de os membros chegarem. Aproveitando Ned ter voltado as atenções por instantes para o cardápio, redigiu discretamente um e-mail de três palavras com todos eles em CC: «Alerta! Mau humor».

— Preciso que toda a gente esteja no seu melhor. Esta será a maior inauguração da história do Home. A mais dispendiosa, isso é certo. Tem de ser perfeita — disse, terminando o primeiro de muitos cafés e passando um guardanapo dobrado pelos lábios, com pequenos toques. — O meu irmão já deu sinal de vida?

Nikki consultou o relógio. Eram 6h45m.

— Já a caminho, por esta altura. Pedi-lhe para me telefonar quando estivesse a chegar.

Adam *deveria* estar a caminho, mesmo que ainda não lhe tivesse enviado uma mensagem a dar conta disso mesmo. Também não tinha respondido às suas mensagens. Ela reservara-lhe um táxi, anotara a hora a que chegaria e o número do motorista na agenda dele, e enviara-lhe uma mensagem na noite anterior, e outra hoje de manhã, como lembrete. Ele só tinha de acordar, meter-se no táxi e voltar a adormecer. Conseguiria Adam fazer isso, num fim de semana importante como este?

Tal como acontecera todas as manhãs do último mês, Ned e Nikki eram os únicos clientes do The Barn — o restaurante mais descontraído e relaxado da ilha, decorado de forma rústica, mas luxuosa, cheio de sofás, com um menu de pequeno-almoço disponível todo o dia, permitindo pedir um pequeno-almoço inglês ao jantar, fosse esse o desejo do cliente. Nikki pedira *muesli* Bircher, Ned, ovos à Florentine. A julgar pela sua pouca firmeza, a fazerem lembrar muco nasal, Nikki percebeu a mais de três metros de distância que as gemas de Ned estavam malpassadas. Tentou fazer sinal à empregada que trazia o prato — com um esgar fugaz, um

olhar de lado, um soerguer da sobrelhaça pleno de significado — para ela abortar a missão, mas a empregada não percebeu e pousou o prato diante de Ned. Sem sequer se dar ao trabalho de mexer nos ovos com um garfo, quanto mais prová-los, e sem proferir palavra, Ned levantou o pequeno-almoço com as duas mãos, rodou o tronco e largou o prato no chão. Ned Groom era muito exigente com os ovos. Era muito exigente com muita coisa, embora Nikki tivesse a certeza de que nunca *tanto*.

— Porque não vamos ao The Orangery? — sugeriu Nikki, enxotando com delicadeza a empregada em choque antes de Ned ter tempo de se levantar e começar o inevitável raspanete. — Tens uma reunião com o *chef* principal dentro de quinze minutos. Afinal de contas, ele faz os melhores ovos escalfados...

Na qualidade de assistente pessoal do CEO do Home Group há quase um quarto de século, Nikki Hayes era sempre capaz de perceber quando o seu chefe se preparava para libertar a sua fúria. Os movimentos dos músculos do pescoço, os espasmos involuntários no queixo, a forma como mexia no bisel do seu *Rolax* de platina. Quando, por fim, a *libertava*, conseguia mudar a pressão atmosférica de uma divisão tão depressa que era capaz de fazer ver estrelas.

No final, foi a equipa de design a sofrer as consequências.

A reunião das 9h *destinava-se* aos últimos retoques de Ned na mansão *neopalladiana* restaurada da ilha: este quebra-luz está solto, aquela almofada ficava melhor ali, troquem aqueles pontos do Damien Hirst por este floreio da Tracey Emin — coisas do género. Em vez disso, a reunião transformara-se numa defenestração cerimonial de antiguidades desinteressantes. Nikki estremeceu quando — como jogada inicial — Ned atirou um jarro *Art Déco* pela janela do primeiro andar, vendo-o depois, horrorizada, dar um pulo, agarrar-se e balançar-se no candelabro de cristal para demonstrar que estava seis centímetros demasiado abaixo.

— Onde foram buscar esta tralha toda? — exigiu saber Ned. — Vocês são preguiçosos e estúpidos, ou estão a só gozar comigo? *Vintage contemporâneo*, foi isso que combinámos. O que foi que arranjaram? Artigos de terceira do National Trust. Coisas saídas da sala de estar de um acumulador suburbano. Da casa da defunta da vossa avó. Quanto é que esta porcaria toda me custou e quem foi o idiota de merda que aprovou o gasto?

Nikki respirou fundo. Ele não estava à espera de uma resposta, claro, mas os 17 pares de olhos suplicavam-lhe em silêncio para ela dizer alguma coisa, *qualquer coisa*.

— Bem, na realidade, Ned — retorquiu, percorrendo os e-mails no seu *iPad* —, diz aqui que foste *tu*... Há cerca de uma semana, tenho a certeza de que disseste que esta era a tua sala predileta da ilha... Será a luz que hoje está diferente? Acho que podemos pôr aquele cadeirão ali...

Não concluiu o raciocínio. Como era seu hábito, Ned continuou como se ninguém tivesse nada.

— Eu pedi peças que passassem uma mensagem. MEN-SA-GEM. Que mensagem é que esta merda passa, exatamente? — gritou Ned a plenos pulmões, arrancando da parede um retrato a óleo, numa moldura oval, dourada, segurando-o com os braços esticados para o inspecionar, ao mesmo tempo que imitava bastante bem a expressão carrancuda da velha dama retratada. Por fim, atirou-o pela janela com um floreado e um encolher de ombros.

A quantas cenas como esta assistira ela? A quantos destes pequenos espetáculos?

Ele queria livrar-se de tudo aquilo. Daquelas bugigangas. Daquele lixo. Pôr ali esta mesa de centro de madeira *Louis Vuitton*. Tirar dali todas as peças de arte, pendurar um nu de Keith Little por cima da lareira. Pensar no efeito geral que estamos a tentar conseguir aqui, caraças! Não é preciso ser um génio! Tenho de ser eu a fazer tudo?

O diretor do departamento de design, um homem franzino com um rabo-de-cavalo grisalho e uma camisola de críquete

amarrada aos ombros, esfregava discretamente a cara, no sítio onde, instantes antes, embatera um volume de Botânica, encadernado a couro. Nikki vira-o a apanhá-lo do chão em silêncio e a pousá-lo delicadamente em cima da mesa de centro, enquanto Ned continuava a arengar.

Tinha pena de todos os presentes na sala de estar do The Manor, há hora e meia à espera, entusiasmados e ansiosos, para mostrar a Ned o resultado final — que era o trabalho deles, a sua carreira, aquilo para o qual tinham trabalhado durante anos, aquilo com que tinham sonhado —, e tudo para ele entrar de rompante, afogueado, e desatar aos berros, lançando pelo ar um mar de perdigotos. A gritar com pessoas que trabalhavam com ele há uma década. Designers cujo primeiro projeto fora no Home. Assistentes mal pagos que tinham trabalhado noites e fins de semana, ganhando úlceras enquanto tentavam acompanhar as suas exigências, as suas ideias luminosas, as suas repentinas mudanças de opinião. Dezassete profissionais que pareciam não ter a certeza se seria melhor fazer como ele e ajudá-lo naquele acesso de vandalismo fortuito ou ficar onde estavam e evitar olhá-lo nos olhos.

Nikki respeitava o chefe, mas tudo aquilo podia ser cansativo. Só porque os acessos de fúria de Ned eram frequentes, momentâneos e absolutamente indiscriminados — podendo ser desencadeados tanto por um ovo malpassado como por uma derrapagem orçamental de um milhão de libras —, isso não queria dizer que não incomodassem as pessoas. Não era o poder isso mesmo? Um minorca de meia-idade aos saltos, ofegante, a balançar-se num candelabro, sem que alguém se atrevesse a rir. Um homem crescido tão agastado com o retrato a óleo de uma velha que parecia na iminência de arrancar os botões da camisa, sem que alguém se atrevesse a sugerir que ele era capaz de estar a exagerar *só um bocadinho*.

Ao fundo da sala, uma pobre rapariga roía a pele das cutículas torturadas, puxando com os dentes um único fio de unha

na ponta do dedo mindinho, ao mesmo tempo que tentava conter as lágrimas. Devia ser nova, pobrezinha, para levar tudo tão a peito. Quem trabalhava no Home há algum tempo, habituava-se aos acessos de fúria, sem se deixar perturbar, deixando de entender aquilo como um ataque pessoal. Os acessos de fúria, as arengas, as discussões? Tudo fazia parte da lenda, não era? Ned Groom, o picuinhas visionário. O génio volátil que construía um império a seu gosto. O homem que, se quisesse, era capaz de criar uma carreira (ou acabar com ela por capricho). Nikki vira-o atirar um pisa-papéis decorativo por uma janela de vidro laminado, passando a menos de um metro da cabeça de uma empregada de limpeza (dias antes da inauguração do Country Home). Vira-o brandir uma faca de cozinha a poucos centímetros da cara de um porteiro (na noite de inauguração do Highland Home). No seu primeiro turno no Covent Garden Home, há muitos anos, era ela uma pequena e tímida empregada do bengaleiro, vira-o rugir para uma rececionista por pronunciar mal o apelido de um membro.

Embora a sua elocução precisasse de ser suavizada, era preciso admitir que, de uma forma geral, ele tinha razão. Se aqueles ovos fossem parar à mesa de um membro, seriam mandados para trás. Depois de os pormenores deste salão serem aprimorados de acordo com as suas indicações, não havia dúvida de que ficara um milhão de vezes melhor. E Nikki também sabia — todos sabiam, à exceção talvez da pobrezinha ao fundo da sala — que, depois de desabafar, Ned esqueceria o candelabro, a jarra e as obras de arte. Todos receberiam a sua palmadinha nas costas e o seu bónus, e seriam elogiados por serem uma equipa às direitas.

— Tu! — silvou Ned, agigantando-se sobre a assistente de metro e meio. — Dá-me a entender que tens bom gosto, *ao contrário deste bardamerdas*. — Apontou o dedo acusador ao chefe dela. — Não tiveste vontade, a certa altura, de fazer notar que isto parece o rescaldo de uma rixa numa loja de bugigangas? — Ela

olhou suplicantemente para o seu superior, que se limitou a encolher os ombros como quem pede desculpa. Ned olhou de uma para o outro e depois para a mesma. Ninguém abriu a boca.

— Muito bem — disse Ned, abanando a cabeça, um sorriso dengoso nos lábios —, quem é que me vai mostrar a biblioteca, assim sendo?

Ninguém estava com muita vontade de mostrar a biblioteca a Ned.

Nesse instante, Nikki pediu licença para se ausentar, apon-tando para o telemóvel e fingindo estar a fazer um telefonema. O primeiro andar do The Manor consistia numa série de divi-sões de pé direito alto com vistas amplas para o mar, englo-bando restaurantes, bares e um laranjal com telhado de vidro no piso inferior. Percorreu o corredor com paredes de carvalho, olhando para os vários cubículos opulentos que surgiam a cada lado, e depois desceu a larga escadaria central. No átrio majes-toso, viam-se alguns elementos da equipa de Annie amontoa-dos à volta da receção, percorrendo fotografias de membros nos seus *iPads* e rindo, enquanto os *barmen* atravessavam a sala com caixas de *Krug vintage*, tentando desviar-se das empre-gadas de limpeza que aspiravam entusiasticamente os tapetes persas e limpavam o pó aos dois flamingos empalhados que flanqueavam a entrada.

Estava um pouco mais fresco na rua do que a intensidade do sol da manhã sugeria. Nikki consultou o relógio. Seria cedo demais para enviar outra mensagem a Adam? Ou para lhe ligar? Ele é que era o irmão de Ned. Também deveria estar presente para tratar destes assuntos, para absorver tudo, para ajudar a acalmar os ânimos.

— Adam — suspirou para o atendedor de chamadas, naquela que era a terceira mensagem que lhe deixava durante a manhã. — Adam, podes dizer-me a que horas contas chegar, por favor? O Ned está à tua espera há uma hora e está... Não está de bom humor.

Virando-se para o The Manor, vendo as antiguidades desfeitas, espalhadas pelo relvado, em cima dos canteiros e pelo caminho de gravilha debaixo da janela, suspirou. Bem, pelo menos isso já era assunto arrumado — num dia como o de hoje, não se tratava de saber *se* Ned teria um acesso de fúria, mas *quando* o teria, e que estragos a explosão causaria. Exatamente como a sua mãe, pensava Nikki muitas vezes — motivo pelo qual talvez aquilo não a afetasse na maior parte das vezes.

Que revelação, que alívio fora compreender, por volta dos 12 anos, que o mau génio da mãe não era uma coisa que ela pudesse impedir. Que, por muito pouco barulho que fizesse a caminhar, por muito bem que limpasse tudo ou por muito que tentasse não chamar as atenções sobre si, ela conseguia sempre encontrar um motivo para perder as estribeiras. É claro que isso não tornara mais agradável estar no olho do furacão, mas conseguira deixar de interiorizar tudo aquilo.

Ao ouvir um estrondo, levantou os olhos e viu a rapariga que estivera a tentar conter as lágrimas sair a correr pela porta da frente do The Manor, travando subitamente quando os seus olhares se cruzaram. Nikki sorriu e chamou-a.

— Desculpa, eu devia saber, mas há tanta gente nesta ilha... Como te chamas?

— Chloe — respondeu, quase num sussurro. — Lamento. Lamento mesmo muito. É apenas o meu primeiro mês aqui. Estava tão entusiasmada. Pensei que ia fazer um excelente trabalho. — Fungou. — Achas que ele me vai despedir? Devo pedir desculpa?

Nikki passou um braço pelos ombros trémulos de Chloe e deu-lhe um apertão. Não, pensou, está tudo bem. Ele não costuma despedir as raparigas bonitas. Até fez uma piada sobre isso, parafraseando um pretensioso e há muito despedido arquiteto do Home: «É como disse o William Morris, Nikki, certo? Não tenhas ninguém no teu Home que não saibas ser bonito ou que não acredites ser útil.»



Na realidade, Nikki estava bem ciente de que a sua beleza era um dos motivos pelos quais continuava a ser um acessório do Home há tanto tempo. Não se tratava de arrogância, mas da constatação de um facto. Porque se havia algo que uma carreira como modelo dava — mesmo uma tão curta como a de Nikki —, era uma confirmação exterior da nossa beleza, uma noção inequívoca das portas que isso abre e dos problemas que acarreta.

Além do mais, Nikki era extremamente eficiente. E também gostava daquilo que fazia, na maior parte das vezes.

Porque se Ned conseguia ser cruel, conseguia também ser incrivelmente generoso, extraordinariamente atencioso. Alguns dos presentes de aniversário e de Natal que lhe oferecera — «Desculpa por ter sido um idiota nos últimos 12 meses» — tinham sido absurdos. O guarda-roupa na sua pequena casa vitoriana no sul de Londres estava atulhado de dispendiosos pedidos de desculpa: bolsas *Celine*, botas *Louis Vuitton*, pulseiras *Hermès*. Ned também podia ser divertido e carismático. As suas imitações. As suas expressões. Aquele tipo de pessoa a quem era preciso, literalmente, suplicar para que parasse, porque dava tanta vontade de rir que se ficava sem fôlego. Chloe acabaria por perceber tudo isso, caso continuasse no Home.

— Oh, querida, não chores. Fizeste um trabalho incrível, tu e a tua equipa. Olha para este lugar! É lindo. — Olharam as duas para a casa, de uma simetria perfeita, com as suas colunas coríntias, a pedra âmbar a deixar escorrer as glicínias que Ned exigira que fossem presas com grampos uma semana antes, o que tivera um custo assombroso.

— Agora, respira fundo e volta lá para dentro. Pede a um *barman* que te dê um brandy para te acalmares. O Ned nota se te ausentares muito tempo e não vai gostar. Ele quer que as pessoas que trabalham para ele sejam duras, capazes de aguentar uma piada. Estamos todos cansados e fervemos em pouca água. Não é nada pessoal. Ele é sempre assim antes da

inauguração de um novo clube — afiançou a Chloe. Os lugares-comuns do costume, as desculpas conhecidas, saindo-lhe com facilidade pela boca.

Porém, mesmo ao dizer essas palavras, Nikki sabia que não eram bem verdade. Desta vez, Ned *estava* diferente. A sua fúria, menos focada. Aquilo que o irritaria, menos previsível. Os seus padrões de comportamento, os meandros da sua irritação, muito mais erráticos.

Talvez fosse por ter comprado uma ilha.

Talvez estivesse a sofrer mentalmente com a pressão dos custos deste espaço e do seu restauro, com os atrasos que tinham acontecido. Os infundáveis e-mails de empreiteiros a exigirem pagamentos, as cartas que tinham começado a receber dos advogados de alguns fornecedores. Ned, o perfeccionista, ignorara-as e gastara mais dinheiro do que o Home parecia ter para conseguir os pormenores *a seu gosto*.

Talvez.

De uma coisa Nikki tinha a certeza em relação a Ned: havia algo que começava a ficar fora de controlo.

**Toda a gente morre de vontade  
de pertencer a este Clube...  
Mas se o seu nome estiver na lista,  
nunca mais dele conseguirá sair.**

O Grupo Home tornou-se célebre pela sua coleção glamorosa de clubes privados espalhados por todo o mundo, onde os ricos e famosos podem divertir-se longe dos olhares curiosos dos fãs e dos *media*. O último investimento é o espetacular Island Home — um *resort* ultraluxuoso e bem guardado, ao largo da costa inglesa —, e a sua festa de lançamento, ao longo de três dias meticulosamente planeados, é o acontecimento mais cobiçado da década.

Mas, nos bastidores, as tensões acumulam-se perigosamente: o projeto, ambicioso e extraordinariamente dispendioso, levou o diretor executivo do grupo, bem como a sua equipa, ao limite, e em pouco tempo se torna óbvio que toda a gente tem algo a esconder — incluindo as celebridades com vidas aparentemente perfeitas que chegam à ilha.

À medida que os conflitos surgem e o ambiente se degrada, aquilo que prometia ser um refúgio idílico rapidamente se transforma numa festa exclusiva para a qual os membros do Island Home começam a desejar nunca terem sido convidados...

«Magistral. Ellery Lloyd faz com que o leitor se interesse até por personagens incrivelmente desagradáveis.»



*Publishers Weekly*



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

Thriller

 [penguinlivros.pt](http://penguinlivros.pt)

  [topseller.editora](https://www.instagram.com/topseller.editora)

ISBN 9789896237127



9 789896 237127 >